

História dos Hebreus – aula 3

A partir do Capítulo 5, Flávio Josefo passa a tomar com minúcias registros históricos que conduzem uma breve história da humanidade em seus primeiros dois milênios. Por meio dos registros bíblicos (e das fontes que serviram a esses registros) o autor reúne a genealogia de Adão e Eva chegando ao tempo do patriarca Abrão; além disso, encontra-se na obra aqui analisada, um registro que vai além do texto bíblico, quando o leitor passa a encontrar informações histórico-geográficas localizando não apenas o nome das gerações subsequentes à Noé, mas também sua movimentação e posterior estabelecimento em diferentes partes do continente africano, europeu e asiático – como nós os conhecemos hoje. O que esse trabalho minucioso traz de importante para nós, leitores atuais, vai muito além da mera curiosidade, por meio da História dos Hebreus é possível compreender o que está expresso em Gênesis 9:19, a saber:

“Esses três (Sem, Cam e Jafé) foram filhos de Noé e a partir deles se fez o povoamento de toda a terra”.

Após descrever o episódio do Dilúvio (aula anterior), Josefo se coloca a destrinchar o mapa populacional e geográfico do mundo pós-diluviano. Seu trabalho se utiliza da genealogia bíblica aliada à pesquisa histórica em diferentes centros de conhecimento de seu tempo, como a Grécia, Alexandria, Armênia, Arábia e diversos sábios que se dedicavam à História do Mundo, como Anaximandro, Hecateu, Beroso e outros mais. Com esse trabalho, o historiador consegue resumir em poucas páginas o desenrolar da separação das famílias após o dilúvio e a destruição da Torre de Babel, episódio que foi o marco histórico da ocupação humana sobre a Terra.

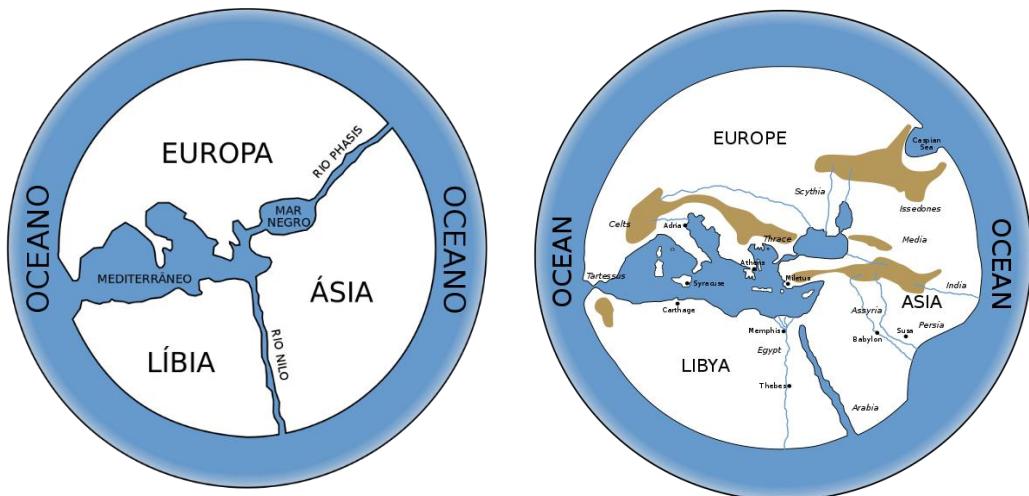
Um parêntese essencial: esse registro em Flávio Josefo se faz importante diante de um mundo onde, dia após dia, o trabalho científico se dedica a firmar uma verdade anti-bíblica, de que a história da humanidade se espalha por milhões de anos desde “a origem” de tudo. Gênesis 9:19 não é apenas importante do ponto de vista religioso, é uma constatação do que vemos na explanação prática de nosso tempo, em que todos os registros científicos (arqueológicos, antropológicos, etnográficos etc.) remontam a civilizações de até 5.000 anos antes de Cristo.¹

Com a dispersão dos homens no episódio da Torre de Babel, dá-se início à povoação do mundo daquela época, retratado de forma bastante elucidativa nos *mapas mundi* criados por Anaximandro e posteriormente enriquecidos por Hecateu (Imagem 1). Esses mapas conferem ainda mais importância ao trabalho dos grandes historiadores, uma vez que sendo a realidade conhecida ainda hoje a mesma, ou seja, de que a civilização humana remonta a no máximo sete mil anos antes de Cristo, e de que a povoação da Terra teve início na região entre o norte da África e a Mesopotâmia. Estudar a História clássica é descobrir a história da origem do homem, e o Tanak² é sua enciclopédia essencial.

¹ Os mesopotâmios são considerados a civilização mais antiga, os registros encontrados remontar a um povo vivendo entre 7.000 e 4.000 anos antes de Cristo, sendo consenso de que o quarto milênio antes de Cristo foi o tempo da construção de cidades mesopotâmias. Esse registro é verificado com assertividade nos registros aqui citados (Josefo, Hecateu, Anaximandro...).

² Tanak é o conjunto principal de livros sagrados no judaísmo, corresponde ao Velho Testamento cristão, diferindo na ordem dos livros que, aqui, são separados em Ensino (Torá), Profetas (Nevi'im) e Escritos (Ketuvim), contando ainda com os livros poéticos (Salmos, Provérbios e Jó) e cinco pergaminhos curtos (Cânticos, Ruth, Lamentações, Eclesiastes e Ester).

Figura 1 – Os primeiros *Mapas Mundi*



Mapa desenhado por Anaximandro, no século VII a.C, seguido pelo mesmo mapa enriquecido no século seguinte pelo também geógrafo, Hecateu de Abdera.

Os Capítulos 5 e 6 são, no *História dos Hebreus*, os trechos onde são descritas as separações familiares e consequentes separações geográficas. De leitura imprescindível, ainda que maçante, expõe com clareza como se deu a ocupação dos territórios visitados pelos dois viajantes-geógrafos cujos mapas foram aqui apresentados. Esse desenrolar da povoação do mundo chegará, ainda no Capítulo 6, na descendência de Sem, um dos três filhos de Noé. Sem foi pai de Arfaxade, que foi pai de Salá, pai de Éber de cujo nome os judeus foram chamados “hebreus”. Pelegue, filho de Éber, teve por filho Reú. Reú teve Serugue, Serugue teve Naor e Naor teve Terá, pai de Abraão. Ao chegar no patriarca do qual o autor da epístola aos Hebreus disse que *pela fé, quando foi chamado a ir para um lugar que havia de receber posteriormente por herança, obedeceu e saiu, sem saber para onde ia*³, alcançamos mais um ponto em que os estudos de Flávio Josefo edificam a todo estudante da Escritura Sagrada, aqui podemos entender o que levou Abrão a sair de sua terra e partir rumo à terra prometida.

“Era [Abraão] homem muito sensato, prudente e de grande espírito e tão eloquente que podia persuadir sobre o que quisesse. Como nenhum outro o igualava em capacidade e em virtude, deu aos homens um conhecimento muito mais perfeito da grandeza de Deus, como jamais tiveram antes. Foi ele quem primeiro ousou dizer que existe um só Deus, que o universo é obra das mãos d’Ele e que a nossa felicidade deve ser atribuída unicamente à sua bondade, e não às nossas próprias forças”. História dos Hebreus, Capítulo 7

Como foi dito por nós na primeira aula, o historiador fariseu, cidadão romano, guerreiro, apologistas judeu e de linhagem sacerdotal (por parte de pai) e real (por parte de mãe), utilizou de toda sua influência como membro da elite romana para, junto a outros grandes estudiosos de sua época, reunir o conhecimento de seu tempo e, assim, remontar a história do povo hebreu de Adão ao Império Romano, buscando assim entender o que ordenava a história até o

³ Hebreus 11.

momento fatídico da destruição do templo pelas tropas do Comandante Tito. Prossegue então o autor a respeito do patriarca e a motivação que o levou a abandonar sua terra:

O que o levava a falar dessa maneira era o fato de ter deduzido, após considerar atentamente o que se passava sobre a terra e sobre o mar e o curso do Sol, da Lua e das estrelas, que há um poder superior regulando esses movimentos, sem o qual todas as coisas cairiam em confusão e desordem, por não terem de si mesmas poder algum para nos proporcionar os benefícios que delas haurimos — elas os recebem dessa potência superior, à qual estão absolutamente sujeitas, o que nos obriga a honrar somente a Ele e a reconhecer o que lhe devemos por contínuas ações de graças. Os caldeus e os outros povos da Mesopotâmia, não podendo tolerar as palavras de Abraão, levantaram-se contra ele. Assim, por ordem e com o auxílio de Deus, ele saiu do país para ir morar na terra de Canaã.

O que é posto por Josefo é que Abrão foi herdeiro do conhecimento de Enoque e Seth, o conhecimento filosófico que apenas em Aristóteles (e posteriormente em Tomás de Aquino) tomaria a grandiloquência que reconhecemos hoje na observação natural, que é o poder de, observando a criação, compreender a Origem. Se Enoque foi tomado por Deus para não ver a morte e Seth perpetuou seu conhecimento em pedra, Abrão largou sua origem terreal e caminhou rumo à terra prometida para entregar o homem à morada preparada pelo Pai (ver também Jo 14:1-4).

Esse testemunho de Flávio Josefo é confirmado por diversos outros historiadores de seu tempo, alguns ainda mais antigos, e outros posteriores, que reunindo registros históricos apenas confirmaram e enriqueceram a biografia do patriarca. O primeiro deles foi Beroso, sacerdote caldeu que viveu no século III a.C, autor da História da Babilônia (*Babyloniaca*)⁴ onde é possível encontrar não apenas mitos de criação como o Dilúvio, mas também leituras escatológicas. Sobre Abrão, escreveu Beroso: “Na décima era, depois do dilúvio, havia entre os caldeus um homem muito justo e muito hábil na ciência dos astros”. Já Hecateu de Abdara, historiador que viveu no século V a.C, afirmou “Abraão saiu com grande acompanhamento da terra dos caldeus, que está acima da Babilônia, reinou em Damasco e partiu algum tempo depois com todo o seu povo, estabeleceu-se na terra de Canaã, que agora se chama Judéia, onde a sua posteridade se multiplicou de maneira incrível, como direi mais particularmente em outro lugar. O nome de Abraão é ainda hoje muito célebre e tido em grande veneração na terra de Damasco. Vê-se aí uma aldeia que tem o seu nome e onde se diz que ele morou”. Hecateu foi autor de uma obra pioneira, chamada “Periégese”, literalmente “Viagem em torno do mundo”, onde falou sobre a Europa e a Ásia (incluindo a África). Outro nome importante do estudo da História foi Jorge Sincelo (VIII d.C), autor da História do Egito (*Aegyptiaca*) que remontou à semelhança de Josefo e Beroso, a História do Homem a partir do Gênesis, e aqui chegando até o império de Diocleciano (III d.C). Outro grande nome, certamente um dos mais conhecidos quando se trata de estudos históricos é Eusébio de Cesareia, considerado o pai do estudo da História da Igreja e fonte segura de Jorge Sincelo em sua organização da História da Civilização Egípcia.

Com toda essa gama de informação histórica, o que podemos concluir do trabalho de Flávio Josefo e Jorge Sincelo é que Abraão alcançou o que vemos nas palavras do salmista, quando diz: “Os céus revelam a glória de Deus, o firmamento proclama a obra de suas mãos.”⁵ E essa compreensão, quando tomada não permite mais ao homem viver como antes da revelação. É preciso mudar, e Abraão dá início à maior mudança possível, o abandono de tudo o que tinha

⁴ No material complementar desta aula encontram-se dois textos a respeito da vida e obra de Beroso.

⁵ Salmos 19:1



para passar a viver de acordo com o desejo do Deus Invisível, que revelou ao longo da vida de seu servo, passo a passo a ser seguido em sua jornada rumo à Promessa.

No início de sua jornada, Abraão foge de uma grande seca em Canaã e vai para o Egito, lá se dá o conhecido episódio das pragas lançadas por Deus sobre aquele povo, uma vez que Sara, esposa de Abraão, é tomada por irmã deste e conduzida à corte do rei do Egito. Abraão, após ser reconhecido como esposo de Sara é recompensado com muitas riquezas e retoma sua jornada saindo do Egito, não antes de repassar aos egípcios a ciência dos astros e a matemática dos caldeus (posteriormente essas ciências foram passadas dos egípcios aos gregos). Assim, Abraão volta para Canaã tendo findado a seca, e divide aquelas terras com seu sobrinho Ló. O patriarca dos judeus fica com a terra de Ebrom, e Ló com as planícies ao longo do Rio Jordão, próximas de Sodoma.

Fernando Melo
Brasília, 7 de julho de 2021